

Ataque a jornalistas nas eleições presidenciais de 2022: mulheres mais atacadas, contexto da violência e crise da democracia¹

Pollyana de Cássia dos Santos Pereira²

Fábio Gomes Goveia³

Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes

Resumo

Este trabalho analisa a violência sofrida por jornalistas, o contexto político que levou à crise democrática, e os ataques direcionados às jornalistas mulheres durante o período das eleições presidenciais de 2022 no Brasil. A pesquisa se baseia em dados coletados pelo Laboratório de Internet e Ciência de Dados (LABIC) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) em parceria com a organização Repórteres Sem Fronteiras (RSF). A metodologia do estudo incluiu a coleta e análise de postagens na plataforma X (antigo Twitter) por meio de software do LABIC, permitindo a identificação dos padrões de agressão digital. O estudo contribui para o debate sobre a liberdade de imprensa e a violência de gênero na era da desinformação.

Palavra-chave: violência; crise; jornalistas; mulheres; eleições

Introdução

A liberdade e a credibilidade dos veículos de comunicação são pilares para uma democracia saudável, garantindo à sociedade acesso a informações críticas baseadas na veracidade dos fatos. O trabalho jornalístico, focado na apuração, visa veicular notícias e estimular o pensamento crítico. Contudo, as eleições presidenciais brasileiras de 2022 evidenciaram uma controvérsia sobre a liberdade de imprensa. Jornalistas que cobriram o pleito foram alvo de ataques, numa tentativa de desacreditá-los, como identificou o estudo da RSF “Imprensa sob pressão no Brasil”, relatório que analisou as agressões contra os profissionais da imprensa na rede social X (antigo Twitter).

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharel recém formada, do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes, e-mail: pollyanapolly06@hotmail.com

³ 4 Orientador do trabalho e professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes, e-mail: fabio.goveia@ufes.br

A polarização política e a disseminação de *fake news*⁴ intensificaram os ataques, revelando uma estratégia de enfraquecimento das instituições, com a imprensa como alvo prioritário. Han (2022) argumenta que, na infocracia, a manipulação e a desinformação são instrumentos de poder cobiçados, intensificando a disputa pela narrativa. Essa dinâmica compromete a capacidade do eleitorado de tomar decisões conscientes, aprofundando a crise democrática que o Brasil atravessa, como analisa o cientista político José Álvaro Morais em sua coluna “A qualidade da democracia” na Rádio USP “ A crise da democracia não é privilégio do Brasil, ela está por toda parte, mas aqui ela se expressa no terreno da representação política.”.

A ameaça à integridade do processo democrático, evidenciada em 2022, revela uma estratégia de enfraquecimento das instituições democráticas. A imprensa tornou-se um alvo prioritário daqueles que buscam utilizar a informação como arma contra a própria democracia. Ataques coordenados à credibilidade jornalística demonstraram que o caos pode ser instaurado para manipular as narrativas e a sociedade. Como Levitsky e Ziblatt (2018) apontam em seu livro, a ascensão de lideranças populistas e o declínio de normas democráticas contribuem para o “adoecimento da democracia” que vemos no Brasil.

Diante do cenário de polarização política, desinformação e ataques à imprensa, o presente estudo, alinhado às discussões sobre liberdade de imprensa e violência de gênero, propõe-se a analisar a violência sofrida por jornalistas mulheres, durante as eleições presidenciais de 2022. Este trabalho científico é baseado na análise de dados coletados pelo Labic em parceria com a organização Repórteres Sem Fronteiras (RSF). O objetivo é contextualizar a violência no cenário político-eleitoral e contribuir para o debate sobre os riscos à imprensa brasileira e os desafios da democracia.

⁴ Ainda que o termo “fake news” não seja a melhor forma de contextualizar o fenômeno da desinformação, utilizaremos como sinônimo em algumas situações para dar maior fluidez ao texto e por ser uma expressão de domínio público. Sobre o conceito de desinformação estamos alicerçados no que preconiza a Unesco no documento “Jornalismo, Fake News & Desinformação: Manual para Educação e Treinamento em Jornalismo”, de Cherilyn Ireton e Julie Posetti, disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368647>

Referencial teórico

Este estudo se fundamenta em perspectivas sobre a crise da democracia, o papel da informação na sociedade e a violência de gênero no ambiente digital. A liberdade e a credibilidade da imprensa são reconhecidas como essenciais para uma democracia saudável, garantindo à sociedade acesso a informações críticas. Contudo, o cenário contemporâneo é marcado pela “infocracia”, conceito de Byung-Chul Han (2022) que descreve a era digital onde a manipulação e a desinformação se tornam instrumentos de poder que intensificam a disputa pela narrativa.

Essa dinâmica contribui para o enfraquecimento da democracia, conforme a análise de Levitsky e Ziblatt (2018), que apontam a ascensão de lideranças populistas e o declínio de normas democráticas como fatores de erosão institucional. No contexto da violência contra jornalistas, a teoria weberiana da dominação elucida a imposição de autoridade, onde a coerção manifesta-se por ameaças para controlar as ações. As redes sociais amplificam essa violência de gênero, criando um ambiente hostil que dissemina o discurso de ódio e misógino, minando a presença de mulheres no jornalismo.

Mary Anne Franks (2019) questiona como a internet reforça a subordinação feminina, criando novas formas de assédio. Complementarmente, bell hooks defende que o conhecimento e a educação de qualidade são cruciais para que as mulheres questionem as estruturas de dominação, enquanto Judith Butler argumenta que a violência contra a mulher é sustentada por normas sociais rígidas de gênero, que impõem papéis hierárquicos e punem quem não se encaixa. Essas perspectivas teóricas oferecem um espaço para compreender a complexidade e a natureza estrutural dos ataques.

Metodologia

O objetivo da metodologia deste artigo é entender o contexto dos ataques contra os jornalistas no período de cobertura eleitoral no Brasil. Entendendo como esses ataques são realizados e a quem se direcionam, é possível obter um panorama que mapeia e que faz entender como o contexto social e político. A pesquisa analisa de forma qualitativa as ofensas direcionadas aos profissionais da comunicação. Saber da existência dos ataques e entender qual tipo de conteúdo carregam permite analisar de perto o cenário e

o que pode ser feito para mitigar as ocorrências, e reduzir os níveis de descredibilização do trabalho jornalístico

A base para a reprodução da pesquisa, se deu por meio da coleta de publicação do aplicativo X (antigo Twitter), focado nos jornalistas de cobertura política, e nos principais nomes de políticos que se relacionavam com o período eleitoral. Após delinear os principais atores, para coletar as publicações que eles realizaram, foi realizado um estudo que identificou quais os principais termos de ataques, incluindo palavras e hashtags de ofensas direcionadas à imprensa e aos seus veículos. O software Ford, desenvolvido pelos pesquisadores do Labic, permitiu que as coletas fossem realizadas a partir de um *script* que coletava apenas os tweets relacionados ao tema.

A partir desse processo, e durante os meses da campanha, a RSF passou a publicar relatórios semanais com um compilado de informações, focado no material de maior relevância para o momento, como as principais postagens de ataques (as mais “grosseiras”), qual era a frequência, a intensidade e a quantidade desses ataques, e de que forma os eventos que ocorriam durante a campanha e a cobertura jornalística influenciavam na retaliação nas redes sociais.

O trabalho de cobertura das eleições por parte da imprensa foi essencial para avaliar os acontecimentos do período a partir do embasamento em entrevistas, coletivas, eventos, debates e comícios realizados pelos profissionais do jornalismo. Ou seja, o instrumento de coleta incluiu todos os arquivos de mídia dos principais ocorridos nas semanas de análise para reforçar que a função de comunicação e informação estava sendo atacada em seu pleno exercício.

A partir dos dados e das análises realizadas, este trabalho busca compreender os ataques sofridos por jornalistas mulheres durante as eleições presidenciais de 2022. As profissionais foram alvo de agressões que ultrapassaram a crítica ao trabalho jornalístico e atingiram esferas pessoais, explorando discursos misóginos, sexistas e violentos. Assim, esta pesquisa busca analisar como essas agressões se materializaram, considerando os contextos individuais e como suas trajetórias e atuações se tornaram alvo privilegiado de discursos de ódio no ambiente digital.

Capítulo 1 - Ódio e ataques contra jornalistas

O cenário eleitoral de 2022 no Brasil foi marcado por uma onda alarmante de violência contra jornalistas no ambiente digital. Dados do relatório “Imprensa sob pressão”, elaborado pelo Laboratório de Internet e Ciência de Dados (LABIC) em parceria com a Repórteres Sem Fronteiras (RSF), revelam que, entre 16 de agosto e 15 de setembro de 2022, foram registradas aproximadamente 2,8 milhões de publicações ofensivas direcionadas a jornalistas na plataforma X (antigo Twitter). Essa média, superior a um ataque por segundo, expõe uma grave situação de risco para a imprensa brasileira, com ataques virtuais e pessoais que visam desacreditar e intimidar os profissionais.

Os debates presidenciais intensificaram esses ataques, visando principalmente jornalistas de veículos como a Rede Globo. A estratégia de deslegitimação da cobertura jornalística utilizou termos ofensivos como “militante”, “jornalista” e “comunista”, indicando uma tentativa de desqualificar a imprensa. A análise desses dados mostra que muitos agressores operavam por meio de contas anônimas ou “perfis *fake*”, amplificando a repercussão das mensagens de ódio.

Padrões de comportamento identificados nos dados revelaram que as contas que mais utilizavam hashtags de ataque à imprensa eram defensoras da direita e apoiadoras de Jair Bolsonaro. Além disso, personalidades políticas atuaram como catalisadores desses ataques. Um exemplo é a publicação coletada pelo relatório da RSF do então ministro das Comunicações, Fábio Faria, em 25 de agosto de 2022: “Só falta agora o Lula tirar o Alckmin e colocar a Globo de vice. O Bonner virou o tchutchuca do PT”. Esse tipo de postura oficial não apenas fomenta o aumento das agressões, mas também contribui para a normalização da misoginia e a deslegitimação do trabalho jornalístico.

Casos emblemáticos que ocorreram no período ilustraram a gravidade da situação que ocorria contra os jornalistas, durante um debate na Band, Jair Bolsonaro atacou pessoalmente a jornalista Vera Magalhães, como mostra a matéria “Bolsonaro ataca Vera Magalhães durante debate: “Vergonha para o jornalismo” de agosto de 2022 publicada no veículo Correio Braziliense, gerando milhares de ataques nas redes sociais direcionados a ela. O episódio demonstrou um caso sério de antagonismo e descrédito jornalístico, além de reforçar o viés machista e sexista das ofensas.

A semana do feriado de 7 de setembro registrou mais de 33 mil ataques contra a imprensa. De acordo com os dados, foi possível identificar que jornalistas como Amanda Klein e Basília Rodrigues, da CNN Brasil, foram alvos de discursos misóginos e racistas após criticarem o então presidente. Esse cenário evidencia a vulnerabilidade das jornalistas, frequentemente atacadas pelo seu trabalho, por seu gênero e raça, em um esforço coordenado para silenciar vozes críticas e femininas. Termos como “vagabunda”, “vaca”, “velha” e “ridícula” demonstram o caráter machista e etarista das mensagens, corroborando com o cunho sexista e patriarcal subjacente aos ataques. Hashtags como #BasiliaVaiEstudar e #JornalistasMilitantes foram exemplos dessas ofensas que tiveram aumento significativo durante a cobertura dos eventos.

A descredibilização se estendeu aos jornalistas do Grupo Globo, percebidos como “de esquerda” pelos atacantes, o que minava sua função como formadores de opinião. A discussão sobre a renovação da concessão da TV Globo também intensificou as ofensas, dada a manifestação de interesse do então presidente em não conceder a autorização devido à sua opinião contrária ao jornalismo da emissora. A viralização de “memes”, colagens e vídeos, como a transmissão da repórter Heloísa Villela (CNN) invadida por gritos de “Globo lixo”, como mostra o jornal Metrôpoles em publicação intitulada “Jornalista da CNN é hostilizada por bolsonaristas em Nova York: “Lixo”, demonstra que os ataques não só comprometem o trabalho, mas também a integridade física e psicológica dos jornalistas no ambiente digital e presencial.

Em suma, entende-se que as ações estratégicas foram orquestradas por “agentes catalisadores” com o objetivo explícito de minar a credibilidade jornalística e silenciar vozes críticas. Isto posto, revela-se uma instrumentalização da desinformação e do discurso de ódio como táticas de guerra informacional, visando influenciar a percepção pública e manipular as narrativas. Este fenômeno, conforme discutido por Han (2022) em sua concepção de infocracia, onde a manipulação e a desinformação são “instrumentos de poder cobiçados”, intensifica a disputa pela narrativa e coloca os jornalistas sob ataque. A intenção é clara: deslegitimar o trabalho da imprensa para favorecer ideologias e candidatos, fragilizando os pilares da democracia ao impedir que o eleitorado tome decisões conscientes e informadas.

Capítulo 2 - Violência contra a mulher

A violência contra a mulher é um fenômeno estrutural enraizado em desigualdades de gênero, que se manifesta de múltiplas formas, desde agressões físicas e, mais recentemente, ataques virtuais intensificados pela tecnologia. No âmbito jornalístico, os últimos anos revelaram uma transição da violência velada para a explícita. Diariamente, jornalistas mulheres enfrentam ataques em razão do seu gênero. Esses ataques visam desacreditar a sua atuação profissional através de insultos misóginos, ameaças de violência sexual, assédio e difamação, especialmente em períodos de crise política e eleitoral, quando o seu trabalho desafia interesses de grupos que buscam a dominação.

Segundo Max Weber, dominação é uma instituição de poder assimétrica onde um indivíduo impõe autoridade sobre outro. No contexto feminino, essa coerção baseia-se em ameaças e punições para controlar as suas ações. As redes sociais amplificam essa violência, criando um ambiente hostil que dissemina o discurso misógeno, silenciando e afastando mulheres do espaço *online*. O objetivo é contestar o seu trabalho e minar a sua presença no jornalismo, reforçando desigualdades e limitando a liberdade.

Por dominação deve entender-se a probabilidade de encontrar obediência a ordens específicas por parte de um dado grupo de pessoas (...) uma associação é uma associação de dominação quando os seus membros estão submetidos a relações de dominação em virtude da ordem vigente. (WEBER, 1993, p. 43)

A agilidade da internet facilita a impunidade, o anonimato e a proliferação de perfis falsos e *bots* permitem que agressores ataquem mulheres sem medo de consequências, tornando o ambiente digital inseguro para jornalistas. Comentários sexistas e agressões simbólicas tornam-se comuns, e a reiteração dessas ações fortalece a exposição de discursos extremos e radicais nos algoritmos das redes, criando “bolhas” de apoio mútuo na deslegitimação da participação feminina através da misoginia. Instrumentos de entretenimento são usados para ridicularizar e diminuir a função social das mulheres.

Mary Anne Franks (2019), em *“The Cult Of the Constitution”*, questiona como a internet reforça a subordinação feminina, criando novas formas de assédio. Essa discussão é central para entender os ataques coordenados a mulheres jornalistas, que dificultam a sua atuação e podem levar ao autoexílio digital. Franks analisa ainda como interpretações deturpadas da constituição podem reforçar a desigualdade e minar a

liberdade de expressão em benefício de grupos dominantes. Embora focada nos EUA, sua tese sobre o uso da liberdade de expressão para justificar abusos *online* aplica-se à política internacional e ao papel da mulher no mercado de trabalho.

Desde 2018, os ataques a jornalistas no Brasil intensificaram-se, culminando em censura e autocensura. Durante as eleições de 2022, o monitoramento da RSF revelou um aumento da hostilidade, com ofensas variando de leves a agressões misóginas, sexuais e profissionais contra mulheres. Apesar dos avanços na conquista de liberdade, a repressão e o silenciamento de vozes femininas ainda marcam a desigualdade. Em “Ensinando a Transgredir” (1994), bell hooks defende que o conhecimento e a educação de qualidade são cruciais para que as mulheres questionem estruturas de dominação. Quando uma sociedade ataca o principal meio formador de opinião, fica clara a necessidade de mudanças sociais face a uma população alienada.

Análise dos resultados

Durante a primeira semana de campanha de 2022, Miriam Leitão foi uma das jornalistas mais atacadas pela sua cobertura da posse de Alexandre de Moraes no TSE. Alvo da direita, recebeu mensagens de ódio e trocadilhos desrespeitosos, além de ataques à sua aparência e idade, revelando ainda o caráter etarista das agressões. Na terceira semana, Juliana Dal Piva, Gabriela Prioli e Vera Magalhães foram alvo de agressores, por reportagens investigativas e posicionamentos profissionais. Na quarta semana, Amanda Klein foi visada pela cobertura dos eventos do 7 de setembro, as hashtags #amandakleinleviana, #CalaBocaAmanda, #AmandaKleinVergonhaNacional, foram algumas das utilizadas para desacreditar o trabalho da jornalista.

O ‘pódio’ de jornalistas mais atacados consistia majoritariamente em mulheres, evidenciando o machismo enraizado, embora não admitido pelos agressores. Judith Butler argumenta que a violência contra a mulher é sustentada por normas sociais rígidas de gênero, que impõem papéis hierárquicos e punem quem não se encaixa. O caso das jornalistas ilustra essa punição a mulheres que desafiam as funções sociais pré-definidas. Essas normas são estruturais, e desafiá-las acarreta reações violentas, como agressões físicas, violência simbólica e exclusão social. A hostilização reflete um pensamento arcaico e exclusivo. A análise dos ataques revelou que a maioria dos

agressores possuía perfis masculinos, mas também foram identificados perfis femininos. Essa observação mostra que a misoginia e a desacredibilização profissional também envolvem mulheres que se comportam contra o trabalho e a existência de outras profissionais.

Considerações finais

A análise dos ataques a jornalistas mulheres nas eleições de 2022 revela um cenário alarmante para a liberdade de imprensa e a democracia brasileira. As agressões não foram isoladas, partem de uma estratégia coordenada para desacreditar profissionais e limitar sua atuação no debate público. Potencializada pelo ambiente digital, essa ofensiva sistemática de violência de gênero atacou jornalistas não só pela profissão, mas pela sua condição de mulheres em espaços de poder. A misoginia digital é um elemento estratégico para o silenciamento, utilizando insultos sexuais, ameaças e exposição da vida pessoal para intimidar e afastar as profissionais do debate público.

A desacreditação jornalística durante as eleições impactou a percepção pública da informação, com discursos negacionistas enfraquecendo a confiança em instituições democráticas. O ataque sistemático à imprensa minou a legitimidade de reportagens baseadas em fatos. É essencial que a imprensa, especialmente as mulheres, conte com mecanismos de proteção institucional que garantam a sua segurança e liberdade de atuação. Uma alfabetização digital mais ampla é crucial para capacitar a população a reconhecer e combater a desinformação, assim como o consumo crítico de notícias e a valorização do jornalismo profissional são fundamentais para uma sociedade democrática resiliente à manipulação.

A violência digital contra jornalistas mulheres é um sintoma de um problema estrutural: a resistência de setores conservadores e autoritários à plena participação feminina no debate público e na produção de conhecimento. Proteger jornalistas é uma defesa fundamental da liberdade de imprensa e da democracia. A luta contra a misoginia no jornalismo e na política deve ser contínua para garantir um espaço midiático mais inclusivo, ético e comprometido com a verdade.

Referências

- BRASIL ESCOLA. **Dominação para Max Weber**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/dominacao-para-max-weber.htm#:~:text=Enquanto%20o%20poder%20%C3%A9%20o,ao%20poder%20exercido%20por%20algu%C3%A9m>. Acesso em: 1 jun. 2025.
- IRETON, Cherilyn; POSETTI, Julie. **Jornalismo, Fake News & Desinformação**: manual para educação e treinamento em jornalismo. Tradução de Álvaro Oppermann. Paris: UNESCO, 2018. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368647>. Acesso em: 20 jun. 2025.
- CORREIO BRAZILIENSE. **Bolsonaro ataca Vera Magalhães: "Vergonha para o jornalismo"**. 2022. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/08/5032711-bolsonaro-ataca-vera-magalhaes-vergonha-para-o-jornalismo.html#google_vignette. Acesso em: 4 jun. 2025.
- JORNAL DA USP. **A crise no sistema político brasileiro é uma realidade que afeta a qualidade da democracia**. 2022. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/a-crise-no-sistema-politico-brasileiro-e-uma-realidade-que-afeta-a-qualidade-da-democracia/>. Acesso em: 16 jun. 2025.
- METRÓPOLES. **Jornalista da CNN é hostilizada por bolsonaristas em Nova York: "Lixo"**. 2022. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/jornalista-da-cnn-e-hostilizada-por-bolsonaristas-em-nova-york-lixo>. Acesso em: 4 jul. 2025.
- REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS. **Imprensa sob pressão no Brasil: RSF analisa ataques online a jornalistas durante as eleições**. 2022. Disponível em: <https://rsf.org/pt-br/imprensa-sob-press%C3%A3o-no-brasil-rsf-analisa-ataques-online-jornalistas-durante-elei%C3%A7%C3%B5es>. Acesso em: 24 mai. 2025.
- REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS (RSF). **Relatório Anual 2022**. 2022. Disponível em: https://rsf.org/sites/default/files/medias/file/2022/12/RSF_Bilan2022_PT.pdf. Acesso em: 25 mai. 2025.
- BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do sexo**. São Paulo: N-1 Edições, 2020.
- FRANKS, Mary Anne. **The Cult of the Constitution**. Stanford: Stanford University Press, 2019.
- HAN, Byung-Chul. **Infocracia: Digitalização e a crise da Democracia**. Petrópolis: Vozes, 2022.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2020.
- LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília, DF: Editora UnB, 1993.